

REFLEXÕES SOBRE CULTURA E MITO: REVISITANDO OS CLÁSSICOS¹

Helena de Jesus Abreu Araújo²

RESUMO: O que é mito e o que é cultura? Qual a relação que existe entre ambos? Neste artigo falamos sobre estas questões, que nos parecem pertinentes, porque são responsáveis pelo movimento dos humanos sobre a Terra e, conseqüentemente, pelo movimento do mundo. Porque tratam das relações dos humanos entre si e destes com a natureza, envolvendo os devaneios que ligam os Humanos e a Natureza.

PALAVRAS-CHAVE: Cultura, mito, humano, natureza, símbolo e devaneio.

ABSTRACT: What is myth and the one what is culture? Which the relationship that exists between both? In this article we talked about these subjects, that seem us pertinent, because they are responsible for the humans' movement on the Earth and, consequently, for the movement of the world. Because they treat to each other of the humans' relationships and of these with the nature, involving the dreams that tie the Humans and the Nature.

KEYWORD: Culture, myth, human, nature, symbol and dream.

Introdução

A escolha deste tema foi resultado de muitas reflexões, do mergulho nas obras discutidas em sala de aula na disciplina de Antropologia Social.

Por vários dias fiquei me perguntando qual seria o meu *Kula*, ou seja, entre tantas leituras realizadas, de tantos debates participados, dos novos conceitos adquiridos: etnografia, poder, estado, magia, totem, mito e cultura etc. e

¹. Artigo apresentado à disciplina de Antropologia Social do Programa de Mestrado em Desenvolvimento Regional, ministrada pela Prof. Dra. Arneide Cemin;

². Assistente Social do E. Tribunal de Justiça do Estado de Rondônia; Mestranda do Curso de Mestrado em Desenvolvimento Regional, da Universidade Federal de Rondônia - UNIR.

das várias metodologias apresentadas, sobre o quê exatamente iria falar, acrescentar, modificar, concordar ou discordar? Que caminho escolher, que caminho percorrer, esse era o meu desafio.

Como unir Evans Pritchard, Malinowski, Cemin, Levi-Straus e Pierre Clastres? O que teriam eles de comum? O método empregado na pesquisa? Falaram de povos primitivos? São etnógrafos?...

Descobri, no entanto, que o comum em todos eles, é que falaram, cada um a seu modo e época, de vida, vida de gente em movimento, de homens, mulheres e crianças em ação, de normas, de signos, símbolos, de magia ... E neste meio não podemos esquecer da linguagem, da fantasia, dos devaneios...Então, resolvi que “meu *Kula*” seria falar sobre cultura e mito, entendendo os dois como teias responsáveis pela *práxis* humana.

A concepção de *práxis*, neste caso, é o de totalidade das ações humanas, responsáveis pela construção do mundo, ou é aquilo que dar sentido ao vazio em que nascemos.

Escolher estudar cultura e mito é a possibilidade de se compreender os seres humanos com suas construções simbólicas, entender o mundo de magia e encanto que envolve as relações entre eles e a natureza.

Kula e Cultura

Kula é um sistema comercial praticado pelos nativos trobriandeses e que foi descrito por Bronislaw Malinowski (1884-1942). Consistia num sistema de troca organizada de colares e braceletes, intertribal, amplo, praticado pelas comunidades situadas no entorno da ilha de Trobriand.

Este autor foi responsável por iniciar na antropologia uma nova forma de se fazer pesquisa, alterando radicalmente as práticas existentes, destacando a necessidade de se viver, permanentemente algum tempo, na aldeia ou lugar a ser estudado. A tarefa básica e central é estudar o homem e tudo aquilo que mais intimamente lhe diz respeito, ou, o domínio que a vida exerce sobre ele.

Para isso, entende que é necessário ir além da simples coleta de dados, do esboço da estrutura social do grupo estudado, da aplicação de questionários ou do uso de informantes.

É preciso *perceber ou imaginar a realidade da vida humana, o fluxo dos acontecimentos cotidianos, as ocasionais demonstrações de excitação em relação a uma festa, cerimônia ou fato particular* (1978, p.27). É necessário observar as situações denominadas pelo autor como *imponderáveis da vida real*, a saber: *rotina do trabalho diário; detalhe de seus cuidados corporais, o modo como preparam a comida e se alimentam; o tom das conversas e da vida social (...)* (1978).

Chama atenção ainda, que a observação desses fatos não deve transformar-se em mera anotação superficial, mas, ao contrário, deve-se fazer um esforço para atingir a atitude mental expressa nas pessoas.

Após um período vivendo com os trobriandeses em Nova Guiné, Malinowski resolveu experienciar tudo isso através do *Kula*, que descreveu na obra *Os Argonautas do Pacífico*.

A relação que faço entre a descrição desse sistema comercial de povos tão distantes para nós, no espaço e no tempo, com a cultura é simples: Ele expressa a cultura de um povo, adotando-se neste caso, o conceito ampliado do termo, ou conceito antropológico, conforme nos fala Marilena Chauí (2001):

A Lei Humana é um imperativo social que organiza toda a vida dos indivíduos e da comunidade determinando o modo como são criados os costumes, como são transmitidos de geração a geração, como fundam as instituições sociais (religião, família, formas de trabalho, guerra e paz, distribuição das tarefas, formas de poder etc.), (grifo nosso). (CHAUÍ; 2001, p. 294).

A tudo isso a autora chamou de *ORDEM SIMBÓLICA*, ou seja, é uma *ordem existencial não natural* criada pelos humanos e que só é possível entre eles. *Cultura*, nesta perspectiva, é: *a invenção de uma ordem simbólica, é nela e por ela que os humanos atribuem à realidade significações novas (...)* (2001, p.294).

Assim, o comportamento de homens e mulheres, as formas de vida de um e de outro, não é determinado pela genética, mas *pelo aprendizado e pela inteligência*. Por esta característica ele é capaz de se adaptar às condições ambientais, modificando o seu sistema cultural, portanto, não depende apenas da genética e da evolução biológica.

A adaptação do homem ao meio é permitida ou favorecida pela *maximização do universo de objetos e comportamentos que possam vir satisfazê-lo*. Isto só é

possível através da cultura, que é capaz de propiciar maior variedade de escolha possível entre várias estratégias adaptativas.

É esta capacidade que diferencia, afasta os humanos dos demais animais, ou que os distancia da sua condição animal. Sobre isso nos fala, LARAIA (2000):

A grande qualidade da espécie humana foi a de romper com suas próprias limitações, um animal frágil provido de insignificante força física, dominou toda a natureza e se transformou no mais terrível dos predadores (...) Tudo isto, porque difere dos outros animais por ser o único que possui cultura (2000, p.24).

Reforçando o argumento acima, LARAIA (2000) destaca o pensamento de mais dois antropólogos:

Lévi-Strauss, para quem *a cultura surgiu no momento em que o homem convencionou a primeira regra, a primeira norma* (2000, p.54).

Leslie White (contemporâneo), segundo o qual *a passagem do estado animal para o humano ocorreu quando o cérebro do homem foi capaz de gerar símbolos* (2000, p.55).

Contribuindo, ainda mais, com essa discussão GEERTZ (1989) destaca o pensamento de Max Weber, que define o homem como um *animal amarrado a teias de significados que ele mesmo teceu* e concluiu dizendo que *culturas são essas teias e sua análise não deve ser assumida como uma ciência experimental, em busca de leis, mas como uma ciência interpretativa, à procura de significados* (1989, p.15).

E não foi isso que Malinowski fez ao descrever o *kula*? Apresentou-nos com propriedade singular, um estilo comercial de um povo e através dele, mostrou-nos todas as teias ali evidenciadas: as instituições, as relações familiares, os mitos e crenças, as proibições, as relações deste grupo com a natureza etc.?

Da mesma forma Evans Pritchard, ao descrever as relações dos Nuer com o gado, também, não interpretou as teias estabelecidas entre aquele povo, nos mostrando como vivem, suas estruturas familiares, as linhagens, suas relações com o meio ambiente, com a ecologia, com o tempo, sua forma de viver? No trecho a seguir, que serve de exemplo do que falamos, este autor expressa: *Morar em um acampamento Nuer é preciso submeter-se aos costumes Nuer, estes se tornam*

visitantes persistentes e infatigáveis (...) Os Nuer não permitem viver de outro modo, que não o deles (...). (1993, p.21).

Conforme assinalamos antes, isso só é possível quando praticamos uma etnografia que vai além do aparente, da conversa informal, da aplicação de simples questionário, das anotações sem a observação das emoções, das expressões do momento, dos significados culturais.

Sendo necessário compreender, entender, respeitar e aceitar todo o movimento que tece e entrelaça as vidas ali existentes e que lhes dá vida e significado. Denomina-se a isto, *compreender a cultura de um povo*.

GEERTZ (1989), chama atenção, no entanto, que o antropólogo tem a complexa tarefa de “estar com”, sem, contudo, “tornar-se um”. Deve, neste caso, adquirir a capacidade de conversar com outros povos, *concluindo que o objetivo da antropologia é o alargamento do universo do discurso humano* (1989, p.24).

Somente assim, pode-se entender que *cultura* é movimento, é vida, característica que é própria e inerente somente aos seres humanos. Não é única, varia de acordo com o contexto, constituindo-se *em estruturas de significados socialmente estabelecidas* – comportamentos, poderes, instituições etc.

Tem por missão oferecer meios para que se utilize o ambiente externo para satisfazer as necessidades físicas e mentais dos humanos (sensações de prazer e dor, de desejo e aversão). É ainda, a possibilidade de que tais estruturas sejam descritas de forma inteligível.

Enriquecendo esta discussão, Lévi-Strauss (1989) em *O Pensamento Selvagem*, onde afirma que *cada civilização tende a superestimar a orientação objetiva do pensamento*, traz a idéia de *totem*, que nada mais é que um símbolo, ou nas próprias palavras do autor: *são códigos aptos a veicularem mensagens transponíveis nos termos de outros códigos e a exprimir em seu próprio sistema as mensagens recebidas pelo canal de códigos*.

Estes símbolos ou códigos são próprios de cada grupo ou população, de cada lugar e possuem significado diante das relações, proibições e permissões, não sendo comportamento ou característica aplicada a todas as tribos. *Compreender a cultura de um povo é expor sua normalidade sem reduzir a sua particularidade*.

É através da cultura que enxergamos o mundo, que nos relacionamos com o outro, com a natureza, com o meio ambiente, que *adquirimos uma ordem moral e valorativa, comportamentos sociais e posturas corporais*.

É isto que encontramos na descrição dos Nuer – na relação que estabelecem com o gado; no relato de Malinowski sobre o *Kula* dos trobriandeses de Nova Guiné, e; no estudo apresentado por CEMIN sobre as novas relações instituídas com o campesinato em Rondônia, sobretudo, porque, neste caso, significou a vinda de outros grupos populacionais de outras regiões do país para uma região desconhecida, seja nos aspectos climáticos, ambientais e dos próprios costumes, propiciando a formação de uma nova cultura.

Segundo CEMIN, este processo gerou um *estranhamento* em face das diferenças entre as regiões de origem desse campesinato e a floresta tropical. Segundo a autora:

Há uma ação inversa do meio ecológico sobre o homem, que resultou em duplo empobrecimento do homem e da natureza (...) a relação social do homem com a natureza em Rondônia se constituiu na implantação de um novo campesinato em uma floresta tropical.(1992, p.184).

Analisar cultura é entender estes processos ou, na opinião de GEERTZ: é *adivinhar-se os significados e avaliar-se as conjecturas, um traçar de conclusões explanatórias a partir das melhores conjecturas (...)*. É o envolver-se, sem pertencer, nos vários *Kulas* existentes nas culturas de todos os povos.

Mito

O mito situa-se entre essas zantas teias tecidas pelos humanos através da cultura, conforme a citação de Max Weber.

E neste tecido cultural, os mitos são construções simbólicas e metafóricas elaboradas pelos humanos para dar sustentabilidade às regras, pois permitem a formação de estereótipos que induzem os membros de uma sociedade a comportamentos específicos e funcionais à manutenção da ordem e dos vínculos.

Sobre isto, Marilena Chauí (2001) destaca:

O mito tem por função resolver, num plano simbólico e imaginário, as antinomias, as tensões, os conflitos e as contradições da realidade social que não podem ser resolvidas ou solucionadas pela própria sociedade, criando uma segunda realidade (...) O mito cria uma compensação simbólica e imaginária para dificuldades, tensões e lutas reais tidas como insolúveis. (2001, p. 310).

Neste sentido, o mito é uma *narração pública de feitos lendários da comunidade* (sentido etimológico) ou, ainda, é uma fala, um relato de uma narrativa, que tem como tema principal – a origem de tudo no universo humano (sentido antropológico).

Ele pertence ao cotidiano de uma comunidade, dar-lhe sentido, vida própria, participa de sua organização, estando na base de sua fundação – são os *mitos fundadores*. Isto é, são narrativas que falam da origem de uma localidade, *sobre o que nela aconteceu, acontece e o que acontecerá* (2001:296), oferecendo *explicações satisfatórias para todos, sobre o presente, o passado e o futuro* (2001, p.296).

Estão presentes na memória popular, constituindo-se em campo de estudo favorável à *compreensão da identidade social de um povo*, uma vez que eles garantem a integração social do grupo (SILVA;2000, p.181). Neste sentido, são lendas, histórias ou narrativas com significados simbólicos transmitidos de geração em geração dentro de um determinado grupo e considerados verdadeiros para ele. São capazes de atravessar as fronteiras da sociedade onde foram criados, na medida em que se propõe a explicar algumas *estruturas universais do espírito humano e do mundo* (2001, p. 310).

Levi-Strauss (1989) identifica o discurso mítico com o mecanismo da *bricolage*, técnica que se constitui em juntar pedaços e partes de objetos antigos para fazer um novo. Assim é o mito – a construção de uma narrativa a partir do arranjo ou da junção de pedaços de narrativas já existentes.

Este autor eleva o mito à condição de pensamento científico, o qual identifica dois *modos diferentes: um aproximadamente ajustado ao da percepção e ao da imaginação, e outro deslocado* (1989:30), sendo eles – magia e ciência, que se constituem *em modos de conhecimentos desiguais quanto aos resultados teóricos e práticos* (1989, p.28).

E continua, dizendo que mitos e ritos oferecem como valor principal a ser preservado até hoje, ainda que de forma residual, *modos de observação e de reflexão que foram adaptados a descobertas de tipo determinado: somente aquelas que a natureza permitia, a partir da organização e da exploração especulativa do mundo sensível em termos do sensível* (1989, p.31). E afirma, essas descobertas

eram limitadas, porém, não menos científicas, nem seus resultados menos reais e por isso *serão sempre os substratos da nossa civilização*.

Uma outra perspectiva de análise sobre a criação de um mito é aquela que o adequa ou o apresenta como um devaneio, resultante de uma atitude contemplativa do homem sobre a natureza, processo ontológico em que busca explicar a origem do mundo e da própria existência.

Segundo LOUREIRO (2001) o mito surge de uma atitude de contemplação devaneante e insaciável do homem junto aos elementos da natureza, seja o céu e as estrelas, os rios, as florestas, que desperta neles um *desejo de explicar as coisas através delas mesmas e, ao mesmo tempo, ultrapassando-as*.

Este autor, apóia sua idéia em BACHELARD, que diz: *Em seu devaneio solitário, o sonhador de devaneios cósmicos é o verdadeiro sujeito do verbo contemplar, a primeira testemunha do poder de contemplação* (2001, p.197). Assim, o mito seria uma atividade humana, resultado das reflexões que faz sobre o mundo ou dos fragmentos de percepções que tem desse mundo, que une para construção de um novo mundo.

É neste processo incessante de devaneio, onde constrói e reconstrói mundos, podemos afirmar que o mito contribuiu ou contribui, ainda, com a formação das culturas, porque através de suas criações simbólicas e imaginárias, garante a permanência da organização social, *tornando-se uma lógica da conservação social, instrumento para evitar a mudança e a desagregação do grupo* (2001, p.310). Sendo no caso, responsável pela formação de instituições, geração de comportamentos, sentimentos, etc.

Considerações finais

Estas reflexões sobre cultura e mito nos permitem afirmar que existe uma relação muito íntima entre ambos.

Que sendo a cultura uma *Lei Humana* que está estritamente ligada a um código de regras e de símbolos, que servem como elos de ligação dos humanos de um determinado grupo social. O mito nesse sentido, parece ser um desses elos, ou uma dessas teias, como disse Max Weber, cuja função principal é contribuir para a manutenção de uma determinada ordem social, para manter a estabilidade das

estruturas sociais e para isso, apela para o imaginário, para o irreal, conforme nos diz LOUREIRO

Um povoamento de seres com os quais os homens convivem sob a dominância de um sentimento estetizador que tece a teia dessa cultura, fator de coesão social e condicionador de comportamentos. Uma estética que 'englobe, mas também se estenda ao conjunto da existência social'. (2001, p. 194).

A afirmativa acima apresenta com clareza a idéia de mito, bem como estabelece a relação deste com a cultura de um povo. Situa-o como um cordão, um fio condutor que une, liga e interliga os homens num determinado espaço através do tempo, pois é passado e repassado através das gerações.

Outro aspecto relevante a ser considerado nestas reflexões é a idéia de que, igual à cultura, o mito é uma atitude eminentemente humana, que nasce dos devaneios existentes entre os humanos e das relações que estabelecem entre si, com a natureza e seus elementos, por isso, tornam-se narrativas metafóricas, levando a construções simbólicas.

Concluimos, então, que pertencem à cultura de um grupo social e que cada grupo cria seus próprios mitos.

E, ainda, a cultura está mais relacionada ao *logos* (razão), enquanto o mito ao imaginário e como tal contribui para a afirmação da primeira.

Referências Bibliográficas

- CHAUÍ, Marilena. 2001. *Convite à Filosofia*. São Paulo; Editora Ática;
- CEMIN, Arneide Bandeira. 1992. *Colonização e Natureza (Análise da Relação social do Homem com a natureza na colonização agrícola em Rondônia)*. Dissertação de Mestrado em Sociologia. Porto Alegre;
- GEERTZ, Clifford. 1989. *A Interpretação das culturas*. Rio de Janeiro. Livros Técnicos e Científicos Editora S.A.
- LARAIA, Roque de Barros. 2000. *Cultura. Um Conceito Antropológico*. Rio de Janeiro; Jorge Zahar Editor, 14ª Edições;
- LÉVI-STRAUSS, Claude. 1997. *O Pensamento Selvagem*. Campinas/SP, Papyrus Editora;
- LOREIRO, João de Jesus Paes. 2001. *Cultura Amazônica. Uma Poética do Imaginário*; São Paulo; Escrituras;
- MALINOWSKI, Bronislaw Kasper. 1978. *Argonauta do Pacífico Ocidental*. Trad. CARR, Anton P. e MENDONÇA, Lígia Aparecida Cardieri. 1978. São Paulo. Abril Cultural;

PRITCHARD, E.E. Evans. 1993. *Os Nuer. Uma Descrição do Modo de Subsistência e das Instituições Políticas de um Povo Nilota*. São Paulo, Editora Perspectiva S.A.;
SILVA, Laura Maria Caetano e LEITE, Alex Sandro. 2000. *Mito e Memória: Uma forma de representação de identidade social em Jequié/BA*. In: LEMOS, Maria Teresa Toríbio Brittes e BAHIA, Luiz H. Nunes. UERJ – Rio de Janeiro.